

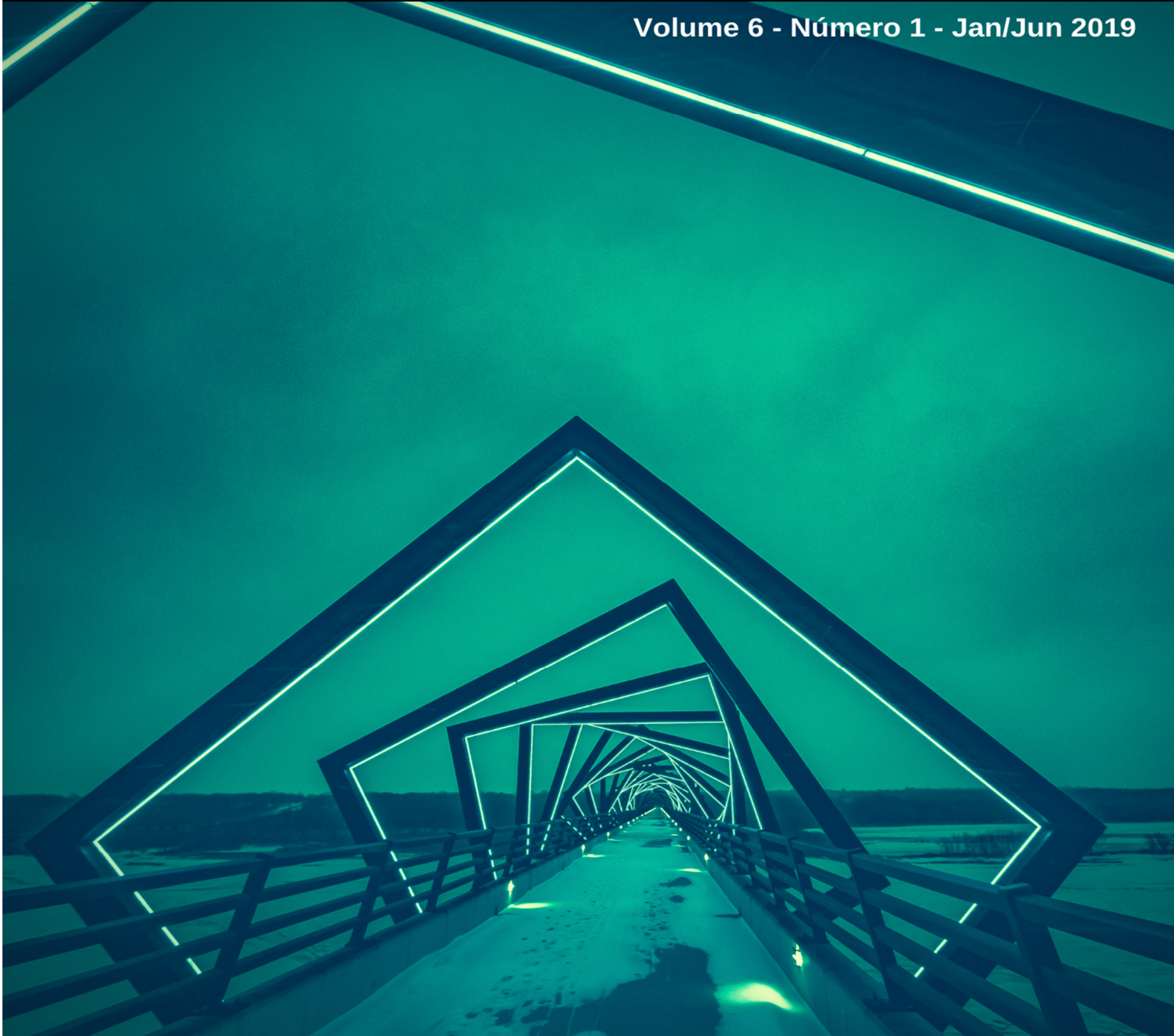
ISSN 2357-8203

Revista

Colineares

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

Volume 6 - Número 1 - Jan/Jun 2019



UERN

A NARRATIVA DE NAEL: UM OLHAR À DERIVA DE SI MESMO

THE NARRATIVE OF NAEL: A LOOK AT THE DERIVA FROM YOURSELF

Marcos Vinícius Medeiros da Silva⁹

É a experiência da memória enquanto linguagem que me interessa.

Milton Hatoum

RESUMO: Em *Dois irmãos*, Milton Hatoum retoma o tema do drama familiar e da casa que se desfez. Para isso, se utiliza de um narrador em primeira pessoa que constrói seu relato à moda antiga, como os velhos contadores de histórias da tradição oral. Juntando os cacos do passado, o narrador decide contar a história da família da qual fazia parte, usando sua memória e os relatos de outras pessoas com quem conviveu, quando quase todos estão mortos. Esse narrador caminha em meio às luzes do que viu e às sombras do que não pôde ver, por isso traz consigo uma visão parcial dos fatos, cabendo ao leitor tomar parte da narrativa e a também construir o texto à medida que vai se aprofundando na história. Assim, Hatoum nos apresenta uma narrativa cheia de silêncios e lacunas, que a lógica mesma da narração não consegue preencher, e que só pode chegar a um bom termo com a participação do leitor.

Palavras-chave: Memória. Narrador. Leitor.

ABSTRACT: In *Dois irmãos*, Milton Hatoum takes up the theme of the family drama and the house that has broken up. For this, he uses a first-person narrator who builds his story in the old fashion, like the old storytellers of oral tradition. Putting together the pieces of the past, the narrator decides to tell the story of the family of which he was part of, using his memory and the reports of other people with whom he lived, when almost all are dead. This narrator walks in the midst of the lights of what he has seen and in the shadows of what he could not see, so he brings with him a partial view of the facts, it being incumbent to the reader to take part in the narrative and also to construct the text as it goes deeper into the story. Thus Hatoum presents us with a narrative full of silences and gaps, which the logic of narration itself cannot fulfill, and which can only come to a good conclusion with the participation of the reader.

Keywords: Memory. Narrator. Reader.

⁹ Possui doutorado em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2013); mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2009) e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2004). Atualmente é professor adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. É membro do Grupo de Estudos de Literatura e suas interfaces Críticas (GELINTER). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa e Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso e memória. E-mail: profmarcosmedeiros@hotmail.com

A linguagem, na narrativa de Milton Hatoum, está a serviço da memória e a memória é comprometida pela subjetividade daquele que recorda, desse modo, o que se registra sofre a ação de vários agentes físicos, os sentidos, as imagens fotográficas e a natureza, e de agentes metafísicos, tempo, nostalgia, perda, que acabam por comprometer essa recordação, tornando a memória dinâmica, fluida e falível.

À parte disso, temos ainda que observar que, ao rememorar, o sujeito se vê diante de silêncios, de lacunas, de vazios, que são irrecuperáveis, mas que também preenchem e erigem a linguagem narrativa. O fracasso que daí advém está inerentemente ligado ao processo de recordação.

Dois irmãos (2000), segundo romance de Milton Hatoum, narra a história de rivalidade entre dois irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, o Caçula, e os laços conflituosos com o pai, a mãe e a irmã. Nesse meio familiar, vivem a empregada da casa, Domingas, e seu filho, Nael, rapaz que cresceu como neto natural do casal de imigrantes, fruto da relação de Domingas com um dos gêmeos. Ele luta e sofre com a memória da infância, passada ao lado da mãe, serviçal na casa dos libaneses. Nael caracteriza-se como observador e narrador dos fatos presenciados que culminam com a destruição da casa familiar.

Em entrevista à *Revista Magma* Hatoum diz que “No *Dois Irmãos*, eu tentei fazer de Manaus um personagem, que dá um sentido mais histórico e mesmo político à narrativa. Muita coisa sobre Manaus realmente existiu ou ainda existe” (BARRETO; MELO, 2003, p. 63). Nesse trecho da entrevista, o autor confirma o uso da memória no decorrer de todo enredo ao dizer que muita coisa existiu ou ainda existe, o que existiu é narrado então, através da memória.

Em outro momento, volta a destacar o fato de haver uma forte relação entre a vivência do escritor, a memória por ele guardada, com o que vai se transformar em matéria ficcional.

Muito do que escrevi é uma tentativa de recriar um pequeno mundo de seres e situações num lugar também inventado, mas com referências fortes à cidade em que nasci e morei muitos anos. Em Manaus estão os prazeres e assombros da infância, e os desatinos da adolescência. A vida portuária, que une a cidade ao interior do Amazonas e do qual ela é inseparável, o rio e a floresta, as histórias que ouvi dos familiares, amigos e conhecidos, as leituras sobre a Amazônia e a experiência de vida em outros lugares do Brasil e do mundo, tudo isso tem contribuído de alguma maneira para a elaboração dos meus textos (HATOUM, 2011, p. 2).

Esse poder da ficção é resultante de experiências concretas advindas do contato com pessoas e situações que cercam o autor, ocasião em que o mundo real é recriado. É o que observa Pouillon quando afirma que essa prática permite às personagens romanescas serem consideradas “vivas”, sujeitas à compreensão psicológica dos leitores (POUILLON, 1974, p. 24).

Em *Dois irmãos*, a princípio, o autor já deixa claro que o enredo vai tratar da trajetória de uma vida de intrigas e disputas de dois irmãos gêmeos, Yaqub, o mais velho, e Omar, o Caçula como vai ser chamado na maioria das vezes na obra.

No centro desse conflito, está Nael, o narrador que nos conduz através dos caminhos tortuosos e imprecisos de sua memória da infância e da adolescência. Ele é um professor, que, aproximadamente, aos trinta e dois anos de idade, num jogo de interditos, juntando os cacos do passado e as ruínas de uma casa destruída, decide contar a história da família da qual era uma espécie de membro flutuante, usando, para isso, sua memória e os relatos de outras pessoas com quem conviveu, quando quase todos estão mortos.

Flávio Carneiro, ao se referir às obras do início do século XXI, destaca que “Parte significativa da produção ficcional da última década resgata o narrador benjaminiano, o velho contador de histórias, cujo relato beira a oralidade e se reveste de uma sabedoria marcada pelas lições da experiência” (CARNEIRO, 2005, p. 306).

Este narrador tem relação direta com o que podemos observar em Nael, de *Dois irmãos*. Ele constrói seu relato baseado nos conhecimentos reunidos ao longo dos anos, na convivência da família libanesa. Perto do fim do romance, ele comenta sobre o momento em que começou a reunir informações para a escrita de uma obra:

Eu tinha começado a reunir, pela primeira vez, os escritos de Antenor Laval, e a anotar minhas conversas com Halim. Passei parte da tarde com as palavras do poeta inédito e a voz do amante de Zana. Ia de um para o outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos – me dava prazer (HATOUM, 2000, p. 265).

Ao contar essa história, descobrimos que Nael é filho de um dos gêmeos com a empregada da família, Domingas, o que já deixa clara a posição que ele, inevitavelmente, vai ocupar dentro dessa organização social: a de membro flutuante. Essa oscilação de pertencimento ocorre porque ao mesmo tempo em que Nael podia fazer suas refeições na mesa junto com a família, “frequentar o interior da casa, sentar no sofá cinzento e nas cadeiras de palha da sala” (HATOUM, 2000, p. 82), em nenhum momento ele é chamado por denominações familiares, como sobrinho, filho e neto, por exemplo.

Sua avó, Zana, reforça essa ideia de não pertencimento de Nael ao comentar o pensamento de Halim sobre criar uma órfã em casa, quando decidiram criar Domingas: “vivia dizendo: ‘Deve ser penoso criar o filho dos outros, um filho de ninguém’. Quando tu nasceste, eu perguntei: E agora, nós vamos aturar mais um filho de ninguém? Halim se aborreceu, disse que tu eras alguém, filho da casa...” (HATOUM, 2000, p. 250).

Halim era a pessoa mais sensível à condição de Nael. Sempre procurou deixar clara sua posição sobre o filho de Domingas ser membro da família, neto dele, que queria que carregasse um nome escolhido por ele:

“Quando tu nasceste”, ela disse, “seu Halim me ajudou, não quis me tirar da casa... Me prometeu que ia estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batizado, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome. Nael, ele disse, o nome do pai dele. Eu achava um nome estranho, mas ele queria muito, eu deixei...” (HATOUM, 2000, p. 241).

Para Halim, Nael era, sem dúvida, filho de um dos gêmeos, neto dele, portanto, que deveria ter sua dignidade reconhecida, mesmo que isso fosse somente da parte do avô.

Apenas no quarto capítulo, temos as primeiras informações sobre o narrador e sua origem, quando ele anuncia “a minha história também depende dela, Domingas.” (HATOUM, 2000, p. 25), para, em seguida, demonstrar indiretamente que a relação que tinha com aquela família era próxima: “A patroa estranhou, mas consentiu, desde que Domingas não voltasse tarde. Foi a única vez que saí de Manaus com minha mãe” (HATOUM, 2000, p.74).

Essa revelação muda o enfoque que o leitor dá às palavras do narrador, visto que se torna claro que o envolvimento direto e indireto que possui com a história pode comprometer sua narração. De qualquer forma, o próprio narrador esclarece sua relação de proximidade com o que conta:

Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final (HATOUM, 2000, p. 29).

Muito do que Nael nos conta ele vivenciou, mas grande parte da história da família lhe chegou por terceiros, por meio de relatos que ele juntou com os seus. Quando se refere ao fato de enxergar de fora, a distância do meio em que os acontecimentos se desenvolveram, entendemos que o narrador faz referência aos momentos de não pertencimento à família. Essa exterioridade fica marcada na posição espacial e social que ocupa, que destoa da ocupada pela família.

Segundo Stefania Chiarelli:

Hatoum retoma em **Dois irmãos** o procedimento de dotar a história de um narrador cuja visão é marcada pela exterioridade, ainda que esteja de dentro da família. Como a narradora do **Relato**, Nael também é uma espécie de filho adotivo: personagem marginal, bastardo, filho da empregada doméstica com um dos patrões. Dessa forma, ambos os narradores constituem um ponto de vista externo/interno, dada a possibilidade de estranharem o ambiente familiar ao mesmo tempo em que são estranhados por ele. É Nael quem resgata toda a história familiar após o desmantelamento do clã (CHIARELLI, 2005, p. 59).

Nael e a mãe viviam no espaço destinado à empregada, um quartinho humilde nos fundos da casa. Era um local que carecia de ventilação e de boa iluminação, o que restringia sua utilização para outras tarefas que não a de dormir. Mesmo que pudesse frequentar a casa de seus patrões e/ou familiares, Nael não usufruía dos confortos que a família oferecia aos seus, afastando-se, nesse ponto, das situações compartilhadas por eles.

Para mudar de condição, ele se esforçava para estudar. Nos momentos em que tinha algum sossego, se concentrava nos estudos, mas esses momentos eram raros, uma vez que era bastante solicitado para toda sorte de tarefas. Ciente de sua

situação de explorado, pensou até em fugir de casa, mas, convencido pela mãe, optou por permanecer no quartinho que lhe cabia.

Então, se a fuga estava descartada, melhor mesmo era se dedicar ao que lhe pudesse dar um futuro, e o único futuro que ele enxergava estava na liberdade que os livros poderiam lhe proporcionar. Apegou-se, desse modo, ao costume de estudar, o que o aproximava mais de Yaqub e o distanciava de Omar, “Zana devia achar estranho me ver sentado no quartinho, lendo e estudando, enquanto o filho mourejava” (HATOUM, 2000, p.207).

Zana estranhava, sobretudo, porque a condição de subalterno não estava em consonância com a atitude do filho da empregada. A agregados, cabiam tão somente todos os serviços domésticos e um espaço no fundo do quintal, como forma de pagamento. O espaço de moradia reservado a eles, portanto, pode ser visto como um favor daquela família, da qual também faziam parte.

A respeito disso, Roberto Schwarz, em estudo sobre a abordagem que Machado de Assis dá à questão social, analisa a importância do favor na relação de trabalho e troca instituída entre o latifundiário, detentor de posses, e os homens livres, na época escravista, uma vez que:

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. [...] Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, essa assegurada pela força (SCHWARZ, 1977, p. 16).

Era essa a situação em que se encontravam Nael e Domingas. Eles retribuíam o favor de receber alimentação e moradia, mesmo que precários, com os diversos serviços que prestavam: enquanto ela cuidava da maioria dos afazeres domésticos, o menino se ocupava dos caprichos e pedidos de Zana. Desse modo, os dois podiam ser considerados agregados, vivendo à margem. Conforme pontuou Roberto Schwarz, eram participantes de uma relação em que esse tipo de benefício desempenhava papel fundamental na sociedade, visto que “o favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, remuneração e serviços pessoais.” (SCHWARZ, 1977, p.16).

Nael também se via à margem em muitas ocasiões em que não participava do que se passava na casa, ficava à mercê das suas fontes de informação. Como sabemos, ele conta fatos que presenciou, mas, sobretudo, conta o que não presenciou, tendo, portanto, que obter essas informações de algum modo. Para isso, se vale do relato dos outros, e das oportunidades de escutar atrás da porta, que sua situação de filho da empregada lhe propiciava, o que, convenhamos, nem sempre era uma forma segura de informação: “Eu estava alheio ao que vinha acontecendo nas últimas semanas, não conseguia escutar os cochichos entre Zana e Rânia, nem decifrar os gestos e olhares que trocavam, mas escutei o nome de Yaqub e do hotel em que ele estava” (HATOUM, 2000, p. 230).

Por participar ativamente da história e ser, desse modo, personagem dela, Nael apresenta-se como um narrador em primeira pessoa. Os fatos que narra, como vimos, dependem de relatos de outros, e, a partir dos relatos, de interpretações próprias

acerca do que soube, o que nos faz compreender de que forma ele chega a conclusões sobre o passado posto a limpo.

A partir da classificação da personagem proposta por Norman Friedman, percebemos que Nael se encaixa no chamado narrador “eu” como testemunha, uma vez que se trata de um:

personagem em seu próprio direito *dentro* da estória, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa. [...] À sua disposição o leitor possui apenas os pensamentos, sentimentos e percepções do narrador-testemunha; e, portanto, vê a estória daquele ponto que poderíamos chamar de periferia nômade (FRIEDMAN, 2002, p.175-176).

O ponto de vista de Nael sobre a história que narra não é pleno, pois o que ele sabe é restrito pela visão parcial dos fatos e pela interpretação que dá deles. Em virtude disso, também o leitor se encontra em posição desfavorável quanto ao que realmente aconteceu, visto que é totalmente dependente do relato do narrador.

Segundo Anatol Rosenfeld, há uma especificidade que decorre da visão de narradores que assumem o papel de narrar algo com o qual estão intimamente ligados:

A enfocação microscópica aplicada à vida psíquica teve efeitos semelhantes à visão de um inseto debaixo da lente do microscópio. Não o reconhecemos mais como tal, pois, eliminada a distância, focalizamos apenas uma parcela dele, imensamente ampliada. [...] Devido à focalização ampliada de certos mecanismos psíquicos perde-se a noção de personalidade total e do seu “caráter” que já não pode ser elaborado de modo plástico, ao longo de um enredo em sequência causal, através de um tempo de cronologia coerente. Há, portanto, plena interdependência entre a dissolução da cronologia, da motivação causal, do enredo e da personalidade (ROSENFELD, 1973, p. 85).

O narrador de *Dois irmãos* está dentro da história e, ao destacar características psicológicas das personagens que narra, o faz de acordo com o que simbolizavam para ele, ou melhor, com o tratamento que esses personagens lhe dispensavam. Assim, ele revela ao leitor importantes marcas características das personagens que, a um primeiro olhar, vão direcionar, em grande medida, a visão que teremos deles ao longo da história, quase impossibilitando o leitor, através da limitação de informações, de fazer outros julgamentos acerca do caráter de cada personagem.

Ainda de acordo com Rosenfeld, o tempo é fator importante a se considerar, no momento em que nos deparamos com um relato ao qual estamos submetidos.

A irrupção, no momento atual, do passado remoto e das imagens obsessivas do futuro não pode ser apenas afirmada como num tratado de psicologia. Ela tem de processar-se no próprio contexto narrativo em cuja estrutura os níveis temporais passam a confundir-se sem demarcação nítida entre passado, presente e futuro. Desta forma, o

leitor – que não teme esse esforço – tem de participar da própria experiência da personagem (ROSENFELD, 1973, p. 83).

O modo como Nael narra os fatos obriga-nos a arrumá-los em uma cronologia que nos traga alguma lógica temporal, uma vez que o narrador expõe os fatos de acordo com a percepção que a memória oferece. Isso confirma a posição de Rosenfeld que exorta o leitor a participar da história.

Nael, como o Brás Cubas machadiano, inicia o primeiro capítulo pelo final do seu relato, entregando a responsabilidade ao leitor de acompanhar a narrativa até conseguir atar as duas pontas da história, tarefa que, ao segui-lo, nós, leitores, contamos com sua colaboração.

Em seguida, Nael descreve o retorno de Yaqub do Líbano, sem logo apresentar detalhes porque isso aconteceu. Como a vazante de um rio, o narrador tem seus momentos de fluxo e refluxo, desse modo, vai e vem em seu relato, conta um fato aqui, outro ali e volta, quase sempre, para completar o que havia começado.

Fiquei observando Yaqub. [...] Lembrei da última vez que o tinha visto em casa, dos nossos passeios, e senti medo da distância, do longo tempo que havia passado sem vê-lo: o tempo que faz uma pessoa se tornar humilde, cínica ou cética. Pensei que ele fosse se tornar mais arrogante, dono de muitas verdades e certezas, se não de todas. Lembrei-me das palavras de minha mãe: “Logo que ele chegou do Líbano, vinha conversar comigo. Só ele entrava no meu quarto, só ele dizia que queria ouvir minha história... Ele só era calado com os outros” (HATOUM, 2000, p. 195).

Um detalhe narrado no início da história, a volta de Yaqub do Líbano, é retomado muito depois para abrir uma nova reflexão, um novo pensamento. Assim segue toda a narrativa de *Dois irmãos*, sem nunca parar seu fluxo, perene como um rio que não interrompe seu percurso.

Como vimos, há idas e voltas de situações que vão ocorrer ao longo da narrativa. Segundo Ligia Chiappini, historiadores utilizam marcas organizacionais de enunciação, como “os *flash-back* ou a narrativa em ziguezague, que retrocede ao passado de cada personagem histórica que aparece (e ao dos seus antepassados), para explicar sua vida até o presente do relato, como faz, por exemplo, Heródoto” (CHIAPPINI, 2007, p.80).

Em *Dois irmãos*, essa situação, segundo observamos, conserva-se durante todo o percurso narrativo, o que pode criar problemas de entendimento para o leitor. De acordo com Rosenfeld:

A dificuldade que boa parte do público encontra em adaptar-se a este tipo de pintura ou romance decorre da circunstância de a arte moderna negar o compromisso com este mundo empírico das “aparências”, isto é, com o mundo temporal e espacial posto como real e absoluto pelo realismo tradicional e pelo senso comum (ROSENFELD, 1973, p. 81).

Desse modo, o leitor se vê diante de um mundo do qual ele deve participar, e, para isso, tem que usar toda a sua habilidade de intérprete para compreendê-lo. Não

há mais como se contentar com explicações superficiais sobre o que está posto diante dos olhos de todos.

De acordo com Silva, o leitor de Hatoum é levado a agir “com cuidadoso critério, tentando reunir os motivos que movem os conflitos entre Omar e Yaqub” (SILVA, 2017, p. 134). O ouvinte criterioso é semelhante ao leitor modelo de Machado de Assis, aquele deseja mais do texto, que não se satisfaz com o óbvio. É natural então que esse ouvinte desconfie de Nael como narrador. É necessário que se analise, com a devida atenção, o relato de alguém que se baseia nas falas de outras personagens e as interpreta, e que tem na memória seu aliado mais forte. Isso não é seguro porque “a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado” (HATOUM, 2000, p. 90).

Susana Scramin explica que “diante da perda e da falta de saídas seguras, o leitor é convocado a preencher as lacunas, criando assim uma espécie de romance no qual a figura do leitor-produtor torna-se um personagem suplementar” (SCRAMIN, 2000, p.11). A figura desse leitor-produtor é, muitas vezes, demandada, porque há situações em que surgem dúvidas do próprio narrador a respeito do que ele mesmo nos conta, sobretudo no que diz respeito à dúvida sobre sua origem paterna.

Pressenti que não veria mais Yaqub. Perguntei à minha mãe o que eles conversaram quando ele entrou no quarto dela. O que havia entre os dois? Tive coragem de lhe perguntar se Yaqub era meu pai. Eu não suportava o Caçula, tudo o que via e sentia, tudo o que Halim havia me contado bastava para me fazer detestar o Omar (HATOUM, 2000, p. 202).

Essa dúvida se arrasta pela narrativa e nos leva, como detetives, a tentar encontrar a resposta para ela a partir das pistas que o texto nos dá e das informações que vão aparecendo a cada momento em que o narrador toca no assunto, e se lembra de algo novo.

Outra situação que fica claramente subordinada à participação do leitor diz respeito à relação entre os gêmeos e a irmã Rânia, mas, neste caso, o leitor é convocado a, por assim dizer, fazer seu próprio julgamento a respeito das relações afetivas entre alguns membros da família libanesa. Nael, alguns momentos, nota haver uma intimidade além do que se poderia supor entre Rânia e os irmãos.

Nos quatro dias de visita ela se empeteceu como nunca, e parecia que toda a sua sensualidade, represada por tanto tempo, jorrava de uma só vez sobre o irmão visitante. Rânia, não a mãe, ganhou os melhores presentes dele: um colar de pérolas e um bracelete de prata, que ela nunca usou na nossa frente.

Ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yaqub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer (HATOUM, 2000, p. 117).

Em outros momentos, percebe também uma excessiva intimidade entre Omar e Rânia: “Omar reaparecia, de carne e osso, sorrindo cinicamente para a irmã. Sorria, fazia-lhe cócegas nos quadris, nas nádegas, uma das mãos tateava-lhe o vão das pernas. Rânia suave, se eriçava e se afastava do irmão” (HATOUM, 2000, p. 93-94).

Stefania Chiarelli observa que, em *Relato de um certo Oriente* e, sobretudo, em *Dois irmãos*, os laços afetivos das famílias libanesas descritas por Hatoum se estabelecem dentro do próprio clã:

A impossibilidade de estabelecer vínculos amorosos com indivíduos não marcados por laços de parentesco é ainda mais marcante em **Dois irmãos**, em que comparecem personagens fadados a uma vida afetiva continuamente sufocada pela intervenção de familiares. O clima incestuoso está presente de forma ostensiva na relação da matriarca Zana com o filho Omar, assim como na filha Rânia e a paixão pelos irmãos gêmeos (CHIARELLI, 2005, p. 53).

O grau de intimidade entre as personagens, que chega a beirar o incesto, gera, muitas vezes, um certo incômodo, uma vez que, para a maioria das culturas, esse tipo de relação é um tabu.

O leitor, instigado pela questão apresentada, é obrigado a avaliar a situação e tirar suas próprias conclusões. Nael não nos entrega a história sem que haja de nossa parte algum esforço em tentar compreendê-la. O papel do leitor não se restringe, desse modo, a observar os fatos de um lugar seguro, sem maiores implicações com o que ouve, lê e vê. De acordo com Umberto Eco:

Qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. Afinal (como já escrevi), todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça parte de seu trabalho (ECO, 1994, p. 9).

A narrativa de *Dois irmãos* coloca o leitor na condição de coautor laborioso. Hatoum propõe em seus textos a participação ativa do leitor, que, de figura muitas vezes passiva, se vê constantemente impelido a tomar parte da história que lê, e a também construir o texto à medida que vai se aprofundando na história.

Nael é essa máquina, não diria preguiçosa, pois que seu texto é um “parto” escritural; mas que nos apresenta uma narrativa cheia de silêncios e lacunas, que a lógica mesma da narração não consegue preencher, e que só pode chegar a um bom termo com a arguta participação do leitor.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ricardo; MELO, Jefferson. Treze perguntas para Milton Hatoum.

Revista Magma. São Paulo, Edusp, n. 8, p. 63, dez. 2003.

CARNEIRO, Flávio. **No país do presente**: ficção brasileira no início do século XXI.

Rio de Janeiro: Roco, 2005, p. 306.

CHIAPPINI, Ligia. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 2007, p.80.

CHIARELLI, Stefania. **Vidas em trânsito**: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. 2005. 157 f. Tese (doutorado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, p. 59.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p. 9.

FRIEDMAN, Norman. (2002). **O ponto de vista na ficção**: o desenvolvimento de um conceito crítico. Revista USP, n. 53, p. 166-182, mar/mai. 2002. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/53/15/norman-2.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Por que escrevo**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011, p. 2.

POUILLON, Jean. **O tempo do romance**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 24.

ROSENFELD, A. **Texto/Contexto**: ensaios. São Paulo: Perspectiva; Brasília, INL, 1973, p. 85.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 16.

SCRAMIN, Susana. **O território da identidade**. *Cult*- Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, n. 36, p.11, jul. 2000.

SILVA, Marcos Vinicius Medeiros da. **Mitos, memória e infância em Dois irmãos e Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum**. Curitiba: CRV, 2017, p. 134.